



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciências Sociais - ICS
Departamento de Antropologia - DAN
Graduação em Ciências Sociais com Bacharel em Antropologia

Ritama Yamimim Katupe: Os Kokama de Sapotal

Maurício Cordeiro de Souza

Brasília – DF
2018

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos familiares, que sempre acreditaram em mim, sem a compreensão de deles, paciência, carinho e também ralhos eu não poderia chegar até aqui. Pois nos momentos mais difíceis, de muitas vezes até pensar em desistir, eles estavam ali me dando as forças necessárias, mesmo que estando muito distantes. Em especial a minha mãe Maria Edini de Souza, ao meu pai Eládio Curico e minha companheira Claudia Ribeiro Paredes. Vocês foram uma peça fundamental nessa minha caminhada que não foi fácil.

Ao meu orientador Luis Abraham Cayon, que me apoiou nas aventuras do conhecimento que me propus a seguir. Pelos conselhos e paciência quando não conseguia falar com ele, no decorrer da monografia.

Ao grande apoio da comunidade de Sapotal, que sempre me recebeu com muito carinho, acolhimento e com disposição para criar e refletir e conversas sobre temas diversos. Agradeço também ao Cacique Luis Cordeiro, que sempre esteve disposto a conversar comigo quando eu o procurei. E que me deu permissão para contar a historia de Sapotal. .

Aos Jovens de Sapotal, em especial Wilber, Mirlene, Baixinha do Edson, pelas conversas e trocas de conhecimento.

A minha irmã Tatiana Tananta Curico e meu Cunhado Iranley Rodrigues Samias, que sempre me receberam muito bem na sua casa e que sempre ajudaram para continuar meus objetivos.

Às lideranças Kokama pelo trabalho que vieram e vêm desenvolvendo pela língua e cultura e fortalecimento da identidade Kokama. Em especial Antonio Januario Samias (in memória), Francisco Guerra Samias, Cristovão Macedo Moçambite, Carlos Guerra Silvano, Eládio Rodrigues Curico, Elivaldo da Silva Souza, Jair Guerra Samias.

Aos meus amigos e colegas de curso, que muito me ajudou a pensar sobre o que escrever, mas também, em dividir as muitas dificuldades que tivemos durante o curso, houveram momentos de alegria, de nervosismo, aflição e choro, mas aprendi muito, cada um na especificidade, uma mais autoconfiante e o outro mais na dele. Passemos momentos bons, Brulina Aurora Baniwa e lury FelipeTikuna.

A minha amiga Samyra Shernikau, que também foi colega de curso, e foi também minha monitora em uma das disciplinas do curso e foi parceira nessa vida acadêmica, sempre me ajudando nas crises de existência, dando ótimos conselhos, também tivemos dias piores, mas os melhores taparam e aqui estamos.

Agradeço pela amizade da Isabella Drumond, uma parceira de curso, sempre muito carinhosa, atenta e que me ajudou muito quando precisei.

Agradecer aos meus amigos que toparam dividir um espaço comigo, mesmo sabendo da pessoa difícil que sou, Poran Potiguara e Leonel Atikum, vocês me ensinaram muito, e espero que vocês consigam o que vieram fazer aqui, todos somos capazes de chegar onde queremos. Passamos por dias ruins, bons, melhores, o gás acabou o arroz acabou, mas nessa coletividade tudo se resolvia. E no finalzinho veio a Maires, que pode dividir um pouco das nossas bagunças.

Agradeço também aos amigos que o vestibular indígena me trouxe, e que estavam em algum momento nos momentos bons e ruins, Suliete Gervasio, Rayanne Maximo, Geraci Aicuna, Paula Mendes, Danilo, Jenifer, Diami Piratapuia, Debora Tupinikim, Sirley Chota e Dirlene do Carmo, com vocês os dias em Brasília se tornaram melhores e que mesmo com saudades das nossas terras, foi possível sobreviver em solo brasileiro.

Agradeço também as pessoas fundamentais na questão indígena na UnB, claro depois de todos os indígenas. A Patrícia Monteiro, servidora, Camila Magalhães, Técnica administrativa e Claudia, essa em especial, que não tem medido esforços para que a instituição seja mais acolhedora, mais humana. Claudia, uma mãe, psicóloga, professora, que o faz tornar uma pessoa incrível.

Ao professor Umberto, que foi uma pessoa que se doou muito pela questão indígena na Universidade e foi onde comecei a fazer os trabalhos de extensão na universidade.

Agradeço ao Daniel Ignachitti, que me proporcionou formas de conseguir estar na universidade e sempre me dando total apoio e incentivando a nunca desistir.

A professora Ana Catarina, que fez muito por mim enquanto estive em Brasília, uma pessoa inteligente, humilde e de um coração maravilhoso.

E agradecer ao Programa de Educação Tutorial – PET – Conexão de Saberes, musica do oprimido, que me proporcionou a encontrar outras visões e também conhecer outras pessoas e movimentos, dentro da universidade e fora dela.

RESUMO

No presente estudo analiso o processo de imposição da negação da identidade Kokama. A partir da invisibilidade vivemos um processo para adquirir visibilidade como um povo indígena presente no estado brasileiro, apresentando as relações de etnicidade e nacionalidade por estarmos numa região fronteira. A pesquisa foi realizada, a partir dos levantamentos dos dados bibliográficos sendo estruturado em uma pesquisa com abordagens qualitativas e valorização da cultura Kokama. Onde o objeto de estudo esteve centrado na comunidade Indígena de Sapotal, foi usado na forma de pesquisa, entrevista com os anciões, caciques e lideranças. Este estudo faz parte de um projeto maior que teve como objetivo em reavivar o ritual do povo kokama e o interesse em valorizar sua identidade cultural, fazer com que este ritual seja feito frequentemente nas comunidades indígenas Kokama. Mas que está camuflado no medo, nas premissas impostas pelos missionários. Com o resgate e valorização da cultura este ritual e tradição não irá se perder, sempre se fortalecendo cada vez mais.

Palavras Chave: Povo Kokama. Identidade. Fortalecimento da Identidade. Indígena. Rio Solimões. Valorização. Ritual Kokama. Língua Kokama.

ABSTRACT

The present study analyzes the process of imposing Kokama identity denial. From the invisibility we live a process to acquire the visibility of an indigenous island present in the Brazilian state, presenting the relations of ethnicity and nationality because we are in a border region. The data was based on the data of the bibliographical data being hierarchized in a research with the qualitative and evaluative approaches of the Kokama culture. The objective of this study was centered on the indigenous Sapotismo community, was used in the form of research, interview with elders, caciques and leaders. This is one of the most important and important goals of the cultural community, to have the ritual done in Kokama indigenous communities. But that is camouflaged in the fear, on the premises imposed by the missionaries. With the rescue and valorization of culture this ritual and tradition will not be lost, always strengthening more and more.

Keywords: Kokama people. Identity. Strengthening of Identity. Indigenous. Solimões River. Appreciation. Kokama Ritual. Kokama language.

Dedicatória

Em memória pessoas que lutaram pelo reconhecimento do Povo Kokama

Cristovão Macedo Moçambique

Francisco Guerra Samias

Antônio Samias

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1	Dona Isabel Rodrigues Samias, uma das anciãs de Sapotal
Foto 2	A localização da Comunidade de Sapotal
Foto 3	Lideranças Kokama depois de uma reunião com os apoiadores da COIAMA em Manaus
Foto 4	Placa da OGCCIPC na comemoração de um ano da Organização
Foto 5	Mães ensinando suas filhas e filhos a confeccionar colares
Foto 6	Mãe e filha lavando roupa e vasilha na frente de sua casa na margem do rio Solimões
Foto 7	Ritual do Corte de Cabelo da passagem da criança para a vida adulta
Foto 8	O padrinho cortando o cabelo, no centro da cabeça tem duas tranças que é onde o casal de padrinho tem que cortar
Foto 9	Os pais presentes no ritual, a mãe é do povo Tikuna
Foto 10	Margem do Rio Solimões, na comunidade de Sapotal, no fundo um barco que vai para Tabatinga
Foto 11	Capa do jornal “o Solimões” com o título “o clamor dos esquecidos”
Foto 12	Lideranças Kokama de Sapotal, Jutimã e Ilha do Capiáí

SIGLAS

ARS – Alto Rio Solimões

BDPI – Base de Datos oficial de Pueblos indígenas u Originário

CEMA – Centro Educacional Marista

CENNCA – Centro de Adaptación Campesina de a Amazonía

COIAMA – Coordenação de Apoio ao Índio Kokama

DANE – Departamento administrativo Nacional de Estadística

DOU – Diário Oficial da União

FHC – Fernando Henrique Cardoso

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

ISA – Instituto SocioAmbiental

OGCCIPK – Organização Geral dos Caciques e Comunidades Indígenas do Povo Kokama

ONIC – Organización Nacional Indígena de Colômbia

SESAI – Secretaria de Atenção a Saúde Indígena

SIASI – Sistema de Informação de Atenção a Saúde Indígena

TI – Terra Indígena

Sumário

1. Introdução.....	10
2. Da Invisibilidade para a Visibilidade.....	16
3. A Comunidade de Sapotal e a luta pela visibilidade.....	25
4. O fortalecimento cultural: o ritual de iniciação masculina e a língua materna.....	43
5. Considerações Finais.....	54

Introdução

No presente estudo analiso o processo de imposição da negação da identidade Kokama, em três momentos, por parte dos próprios Kokama, por parte da sociedade nacional regional e também pelos órgãos do governo como por exemplo, a Funai. A partir da invisibilidade vivemos um processo para adquirir visibilidade como um povo indígena presente no estado brasileiro, por isso coloco o título desta pesquisa em Kokama: Ritama Yamimim Katupe:, que seria na sua tradução para o português “O Povo Escondido Aparece”, trazendo esse enfoque para essa visibilidade do povo Kokama, e também apresentando as relações de etnicidade e nacionalidade por estarmos em uma região fronteiriça.

O problema que analiso trata-se de uma indagação e reflexão do porquê da negação da identidade, passando pelo processo de vergonha e medo, com as imposições que lhes foi colocada, e disso partindo para um aparecimento em grande escala de Kokama depois das lutas de lideranças Kokama da Comunidade de Sapotal, Jutimã, Barreirinha, Bananal e Ilha do Capiáí. A sua reafirmação como um povo indígena, e que luta para que seu território seja reconhecido não somente como terra indígena, mas como sendo de modo ocupado tradicionalmente pelos Kokama.

Esta pesquisa é fruto da experiência do trabalho de campo que fiz para a extensão do PIBIC, e se encaminhou mais ainda na disciplina Excursão Didática, que foi meramente o meu Trabalho de Campo. Mas também cabe colocar que foi também pela preocupação do grande desconhecimento dos jovens Kokama, e com isso estaria instigando a eles fazerem uma reflexão e pesquisar e se apropriar de sua história. Esta pesquisa está direcionada a comunidade de Indígena Kokama de Sapotal que está localizado no município de Tabatinga na região do Alto Rio Solimões no Estado do Amazonas. Isso para mim não foi uma escolha, mesmo que optando por ela, desde quando entrei na universidade eu coloquei na minha cabeça que tinha que falar da Comunidade Indígena de Sapotal. Pois são poucos Kokama que falam sobre os Kokama e principalmente

Sapotal, e quis entender melhor a minha história, por pertencer a essa comunidade.

A pesquisa foi realizada, a partir dos levantamentos dos dados bibliográficos sendo estruturado em uma pesquisa com abordagens qualitativas e da valorização da cultura Kokama, foi usado na forma de pesquisa, entrevista com os anciões, cacique e lideranças. Questionários e conversas com estas pessoas, principalmente conversas, porque em momento algum eu me via sendo “pesquisador”, andando com câmera e caderno, com os meus familiares. Uma vez tentei fazer isso e tanto o “pesquisador” (eu) e o pesquisado nos intimidamos, e por isso a minha metodologia foi à conversa, normal e “natural”.

Como desde criança estive envolvido nessas questões de reuniões, assembléias, sempre andando em vários municípios e comunidades na região do alto Solimões, na busca pelos Kokama que estariam vivendo no silenciamento e no medo de se identificar como tal. Já tinha que um caminho meio andado, já havia identificado com quem iria conversar e o que perguntar.

A observação e coletas de relatos contados por essas pessoas. Também foi usado na análise documentada por autores que escreveram sobre outros rituais, neste caso não me apeguei muito, mas dando mais importância ao próprio ritual, como enfocarei no terceiro capítulo. Comecei com a apresentação da proposta à comunidade com pequena reunião para explicar como seria realizada e pra que serviria a pesquisa. E em seguida como fazer a pesquisa em si, analisando as teorias abaixo citadas.

Como já abordei logo no início, parto de uma pesquisa na qual eu faço parte, e para isso me remete a fazer uma etnografia, colaborativa e participativa, que segundo MALINOWSKI (1976). p. 24 “os princípios metodológicos podem ser agrupados em três unidades: em primeiro lugar, e lógico, o pesquisador deve possuir objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Finalmente deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro da evidência”.

A observação participativa de forma qualitativa, onde o principal instrumento de trabalho foi o diário de campo, mesmo que quando sozinho, anotava algo que achava interessante nas conversas, e que após recolher os dados foi feita as análises das informações adquiridas na pesquisa, que são metodologias de pesquisa, que para MINAYO (2011, p. 47) “a seguir a campo de observação precisa ser definido entendendo-o como os locais e sujeitos que serão incluídos, o porquê destas inclusões (critérios de seleção) e em qual proporção serão feitas.” O que se percebe é a falta da definição de conhecimentos a se seguir que é o caminho do pensamento a ser seguido onde ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotadas para construir uma realidade.

A preocupação também, além de acadêmica, é e tentar fazer com que esse ritual do povo Kokama seja efetivada de fato na comunidade, e para que isso possa acontecer é necessária a colaboração de todas as pessoas envolvidas. Pressuponho uma participação de sujeitos e não como um mero objeto de pesquisa.

A pretensão do projeto era ser com os mais idosos é importante para trazer historia e lembrança dos rituais, más em Sapotal tem somente três anciãos, e ficou meio difícil pela pouca lembrança. E do por que e por que eles vinham deixando desaparecer disfarçadamente sem uma persistência de combater para que não se perdesse a identidade Kokama e os rituais. A igreja teve um papel muito grande para que isso acontecesse nos momentos de imposição de suas regras. Porém, foi necessário conversar com os jovens, questionei sobre o que eles pensavam sobre os mitos e historias e como isso é retratado nas salas de aula e se eles têm alguma aproximação com a sua historia.

Também tentarei fazer uma analise da importância da língua, onde antes não era ensinada em sala de aula, porém hoje já está sendo ensinada. Como ela trás consigo essa noção do ser Kokama e ter uma língua falada na comunidade, como forma de fortalecimento identitário.

Como parto de uma antropologia inversa, fugindo do eurocentrismo, ou para muitos pesquisadores que a pesquisa de campo não se deve envolver com as pessoas de sua pesquisa, como sou pertencente a minha pesquisa, tratarei

do pesquisador participante, em nenhum momento quis estudar meu povo, mas sim colaborar para que as lutas anteriores sejam reconhecidas e que essas memórias sirvam de exemplo que é necessário para o reconhecimento dessa luta. Como o Brasil é um país formado por um mosaico de povos e línguas, sendo algumas estigmatizadas, é notória a constante ameaça do desaparecimento das línguas indígenas, o que motivou uma crescente mobilização desses povos, dando visibilidade ao plurilinguismo (RUBIM, 2016). Destacamos que o termo povo é conceituado com base no campo empírico, isto é, são pessoas que estão à margem da sociedade, lutando de maneira organizada para dar visibilidade às suas demandas (AGAMBEN, 2015).

Minha intenção foi querer descobrir, qual foi especificamente o motivo que levou ao povo deixar de praticar o ritual de passagem do menino para a vida adulta. Nessa pesquisa também tentarei buscar alternativas para o fortalecimento da cultura e identidade do povo Kokama. Esse processo de reconstrução cultural em processos de mudanças culturais, na percepção da comunidade sobre cultura, os rituais indígenas é de suma importância para os povos indígenas, para romper com esses conhecimentos errôneos, que permanecem na sociedade não indígena e assim tentar resistir no processo de massificação sociocultural. Com essa pesquisa, pretendo repensar a metodologia de ensino desses conhecimentos que tendem a ser esquecidos na memória dos idosos, devido às mudanças culturais que por falta de estratégias não puderam repassar os conhecimentos sobre a cultura de seu povo, para os seus filhos e netos.

Este trabalho está dividido em três capítulos, onde estarei abordando no primeiro capítulo de uma forma mais geral onde está localizado o povo Kokama. Acho importante trazer isso, pois além de localizar este grupo, pode-se perceber o quão complexo é identificar a nacionalidade dos Kokama, e também ressaltar de forma expressiva como esse povo indígena tem “aparecido” em cada país por onde estão distribuídos. Também trago essa noção da invisibilidade que era onde os Kokama tinham vergonha de se identificar como indígenas, e mostrar essa passagem para sua visibilidade como povo indígena e seu orgulho de se identificar como Kokama.

Já no segundo capítulo analiso de forma política como a Comunidade Indígena de Sapotal foi um elo para essa visibilização dos Kokama, sendo uma das primeiras comunidades Kokama a ser demarcada como terra indígena, e a partir daí a luta do movimento Kokama em busca de outras comunidades Kokama na região do Alto Rio Solimões (ARS).

O terceiro capítulo trás o fortalecimento cultural através o ritual de iniciação masculina junto com o fortalecimento da língua Kokama, sendo ensinadas por anciãos da comunidade e também como disciplinas em sala de aula. E para concluir tentarei trazer de forma mais geral o que me foi percebido durante todo esse processo de construção desta pesquisa, como também é importante salientar que minha pesquisa não tem uma data de início e termino em campo.

Capítulo 1- Da Invisibilidade para a Visibilidade

Nós, os Kokama ou Kukama Kukamiria, conhecidos também como Cocama e Cocamilla, onde não há uma diferença específica, mas que logo abaixo estarei explicando do porquê de tais nomes, estamos em três países: Brasil, Colômbia e Peru. Segundo os dados do Instituto Sócio Ambiental (2014), a população Kokama no Brasil é de 14.314 (SIASI/SESAI), na Colômbia é de 2.204 segundo o censo do *Departamento Administrativo Nacional de Estadística - DANE* (2005) e no Peru estima-se que essa população seja 21.658 de acordo com o *Ministerio de cultura e a Base de Datos Oficial de Pueblos Indígenas u Originários – BDPI* (2015).

Na Colômbia, a população Kokama encontra-se no *departamento* do Amazonas, em especial “*cerca de Leticia en San José del Río e Isla de Ronda, en Puerto Nariño y a lo largo del Bajo Putumayo en pequeños asentamientos, donde comparten el territorio con los Tikuna y con el pueblo Yagua. Una reducida población vive en los resguardos de La Playa y en el barrio Águila en la ciudad de Leticia*” (ONIC) en 2006. No Peru, “*están en las cuencas de los ríos Marañon, Tigre, Orituyacuy, Huallaga, em las provincias de Alto Amazonas, Requena y Loreto*” (Ministerio de Cultura del Perú 2015). No Brasil, vivem no Estado do Amazonas, na região do Alto Rio Solimões, Médio Solimões e nas redondezas e periferia de Manaus, assim como também no Estado do Pará, na cidade de Juriti. No Alto Rio Solimões, atualmente são mais de 100 comunidades indígenas Kokama, divididas em oito municípios. Sendo eles, Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antonio do Içá, Tonantins e no Médio Solimões Jutai e Fonte boa.

Os Kokama, na sua maioria, vivem em terras baixas ou várzeas. As casas hoje são em forma de palafitas, com mais ou menos um metro e meio de distancia do chão, que é para se “livrar” do inverno, que para nós é quando é a época da enchente. Na sua maioria, as casas formam-se em fileiras abeirando o rio. Como a folha da palmeira conhecida na região por caraná se tornou muito difícil, algumas vezes eram conseguida no Peru, a opção que mais deu conta para fechar as casas foi fazer com zinco, que também é comprado no Peru, por ser mais barato. Pois, o zinco brasileiro e colombiano é muito caro.

Há muitos pescadores na comunidade, tanto de rio quanto de lago, tem uns que tem especialidades em fazer canoa, pois se tem um jeito de fazer a canoa, se não fizer bem feito, vai ser uma canoa que balança muito ou que não serve para pescar, e os que sabem se tornam fabricantes de canoa para aqueles que não conseguem fazer uma canoa.

Como disse anteriormente que iria explicar o porquê dos nomes Kukama e Kukamiria, o termo *Kukama* é composto de duas palavras, sendo *Ku* 'roça' e *kama* 'seio, peito ou mama'. Já *Kukamiria* se segmenta em quatro partes: *Ku*, *kama*, (como descrito acima), *miri* que significa fino ou pequeno, e *ia* significa coração ou centro principal de algo. É importante enfatizar também que a mudança da letra C para a letra K, onde antes os pesquisadores usavam Cocama e Kokama se deu pelo entendimento de que na gramática Kokama não existe a letra C. Daí por diante tem se usado somente Kokama com a letra K. Por tanto, somos um povo que se alimenta basicamente da agricultura, da roça. Nossos ancestrais sempre viveram às margens dos rios, e somos conhecidos como os "grandes pescadores". Por este motivo afirma RIVAS (2004):

"Por su prolongada interrelación con un ecosistema de tierras de inundación y su gran adaptación a este, los kukama kukamiria han desarrollado diferentes instrumentos y técnicas para la pesca, que hoy son un patrimonio heredado de sus ancestros. Existen investigaciones que afirman que las comunidades de población mestiza ribereña y otros pueblos indígenas que actualmente se asientan en ecosistemas similares, reconocen a los kukama kukamiria como los 'grandes pescadores' del departamento de Loreto" [...] "Los instrumentos (cultura material) y la técnica de pesca que practican sobre todos los hombres cocama-cocamillas en un ecosistema de várzea o tierras inundables" [...] Y están establecidos principalmente en las riberas de los grandes ríos, los cuales son navegables durante cualquier época de año y desde los cuales mantuvieron control de la red hidrográfica de la zona del Alto Amazonas, Bajo Huallaga, Bajo Ucayali, Bajo Pastaza e Bajo Marañon. Además también se expandieron hacia los ríos Nanay, Itaya, Bajo Napo y Putumayo, y son parte componente de los barrios pobres de las ciudades selváticas peruanas: Iquitos, Yarimaguas, Requena, Nauta, Lagunas, Tamishacu, Genaro Herrera, y de Leticia (Colombia).

A língua Kokama foi considerada por muito tempo como pertencente ao tronco Tupi-Guaraní. Porém, alguns pesquisadores viam uma diferença nas falas. Altaci Corrêa Rubim (2016) cita na sua tese de doutorado que no estudo de Rodrigues (1984/1985) é levantada a hipótese de que a língua Kokama tenha palavras e morfemas de origem Aruák, resultantes do ambiente em que a língua se originou. Além de empréstimos de provável origem Aruák, Cabral (1995) detectou “empréstimos provenientes de língua Pano, de variedades do Quechua, de construções análogas às existentes na Média Lengua, de empréstimos de línguas ainda não identificadas, além de empréstimos do Espanhol e do Português” (CABRAL; RODRIGUES, 2003, p. 180).

Por isso, Ana Suelly Câmara Cabral, lingüista da Universidade de Brasília, afirma que a língua Kokama pode ser considerada como crioula por ter essas “misturas” de várias famílias linguísticas. Mesmo entendendo e reconhecendo que tem essas misturas, discordo com Cabral (2003) pois a língua é Kokama e não crioula. Não sendo conhecedor de causas de línguas ou morfemas lexicais de um determinado país ou de outra língua indígena, sempre haverá alguns ou muitos empréstimos, pois são palavras novas que surgem ou que não são de conhecimento na língua indígena. Assim mesmo como o português tem aportuguesado muitas línguas estrangeiras e que é usado no dia a dia.

Precisamos fortalecer as línguas indígenas dando visibilidade e austeridade, pois as trocas sempre vão existir. Cabe a nós aceitarmos como forma de dar valor ao que somos e ao que temos como identidade. Os empréstimos sempre vão existir, um exemplo disso são as numerais Kokama, que temos até o número 4, a partir do 5 até o 10 já é o empréstimo do quéchua. 1. Wepe, 2. Mukuika, 3. Mutsap+r+ka, 4. Iruaka. São da língua Kokama. E os quéchua emprestados são: 5. Pichka, 6. Sokta, 7. Kansi, 8. Pusa, 9. Iskum e 10. Tchungá.

Trago uma passagem Rivas que me chamou muito a atenção, pois muitos pesquisadores pensam dessa forma *“cualquier investigador que haya realizado trabajo de campo entre los Cocama-Cocamillas, y luego confronta su experiencia con la tesis que Anthony Storcks presenta en Los Nativos Invisibles (1981), sin duda se preguntará si no habría sido atributo del antropólogo su categoría <de*

indígenas>, pergunta que subsiste em el ambiente académico. Y esto porque de un vistazo superficial no se distingue una comunidad Cocama-Cocamilla de las ribereñas. Onde muitos acham que o povo Kokama surgiu do nada, e que ainda tentam invisibilizá-lo. É também importante entender esse processo como forma de extinção dessa população, que á muito tempo foi considerado invisível.

A historia do movimento político Kokama no Brasil dá-se por volta da década de 70 a 80, após muitos anos de contato interétnico com as pessoas da região do Peru e da Colômbia, assim como também entre indígenas Tikuna, eram vistos pelos Tikuna como ribeirinhos ou populações rurais, pois os próprios parentes se auto afirmavam ser os únicos indígenas na região por falarem a sua língua que é a língua Tikuna. Mas a nossa luta não era brigar entre indígenas, pois os Tikuna pouco sabiam da nossa historia, o que passamos para não estarmos falando a nossa língua materna, tendo apenas alguns anciãos que falavam a língua Kokama. A nossa luta era que prevalecesse o direito a terra por nos ocupado desde muito tempo. E que na época a Funai através do Ministério da Justiça assumisse o seu erro e reconhecesse as áreas de Sapotal, Jutimã, Barreirinha, Bananal e Ilha do Capiá que eram as áreas contestadas pelas lideranças Kokama, e que fosse reconhecida dentro da área Éware I como sendo área indígena Kokama prevalecendo o direito dos dois povos. Com essa luta, o protagonismo indígena Kokama e Tikuna da região se fortaleceu, ganhou apoio de algumas lideranças Tikuna, principalmente de Ourique e Feijoal e Umariçu, que são terras indígenas próximas a terra Kokama de Sapotal.

Há registros da história do povo Kokama realizados por cronistas, viajantes desde o século XVI. Várias fontes documentais retratam a história do contato deste povo com os colonizadores. Fatos ocorridos neste período são mencionados por pesquisadores que trabalham com este povo tanto no Brasil, quanto na Colômbia e Peru. O exemplo tem os trabalhos dos pesquisadores brasileiros, Cabral (1995); Freitas (2002); Ramos (2004); Viegas (2010) e Almeida e Rubim (2012); do colombiano González (1999) e, no Peru, Ochoa (2002), Rivas (2003), Vallejo (2010) entre outros. Todos os autores ressaltam a história do contato dos colonizadores com as populações indígenas da Amazônia peruana, colombiana e brasileira, principalmente sobre o povo Kokama

Como se sabe desde os primeiros contatos com os não indígenas, vários povos indígenas tiveram sua identidade roubada e proibida de ser praticada, e disso teve-se uma grande mudança no que diz respeito ao seu modo de viver.

Os primeiros contatos dos Kokama com os não indígenas vem de muitos anos, quando exploradores e missionários faziam expedições para catequizarem os povos indígenas:

¹As primeiras referências aos Kokama, fornecidas por exploradores e missionários nos séculos XVI e XVII, situam os seus principais assentamentos no médio e baixo rio Ucayali, afluente meridional do Amazonas peruano. No início do século XVI, os Kokama que viviam nessa região mantêm contato com Juan de Salinaso, primeiro europeu a alcançá-los. A expedição de Ursua e Aguirre ao Amazonas no período 1560-1, narrada pelo capitão Altamirano, informa o encontro com esses índios na foz do Ucayali. Na região próxima ao alto rio Amazonas, incluindo o Marañón, baixos Huallaga e Ucayali e o rio Napo, a conquista missionária já havia atingido os [Omágua](#) (Kambeba) e Kokama desde 1547.

²A frente missionária jesuítica estabelece-se na Amazônia de forma mais contundente, através da atuação dos padres Samuel Fritz e Richler, que deram início aos trabalhos de catequese junto aos Omágua, Assuare, Ibanoma, Taumã, Xebeco e Kokama. Em território brasileiro a missão de San Joaquin de Omágua, coordenada por Fritz, estabeleceu-se no Putamayo (Içá) e 27 outras foram fundadas durante as décadas seguintes. Por largo espaço de tempo os jesuítas detiveram uma posição privilegiada na formulação e execução da política indígena nos territórios da América, assim como foram os principais responsáveis, nesse momento, pela concentração dos diferentes grupos étnicos nos aldeamentos missionários.

Quando os espanhóis fizeram sua primeira invasão, nós, os Kokama, sempre vivemos nas margens dos rios, Segundo Roxani Rivas (2003), o primeiro

¹ Parágrafo retirado do site socioambiental do ISA

²Parágrafo também retirado do site socioambiental do ISA

contato dos espanhóis com os Kokama foi em 1557, quando os colonizadores os “pegaram” para serem seus remadores, pois eles viam como os Kokama eram eficazes quando se pensava em remar e andar nas “beiras dos rios”. Os Kokama, sempre vivemos nas margens dos rios, principalmente o Amazonas.

FREIRE (2008) considera que no século XVI, os Kokama organizavam-se em —grandes “cacicados” onde viviam naturalmente a sua cultura:

[...] os Kokama, parentes dos Omagua, ocupavam a calha central do Alto Solimões e a confluência do rio Amazonas com os rios Napo, Ucayali e Huallaga. No século XVI, organizados em grandes cacicados, eles construíam imponentes malocas, teciam mantas coloridas de algodão e redes de dormir, fabricavam canoas e instrumentos musicais, mantinham currais de tartarugas, torravam farinha, produziam alimentos em abundância, narravam seus mitos, constituindo aquilo que o arqueólogo americano Donald Lathrap denominou de —civilização da mandioca (FREIRE, 2008).

O povo Kokama foi atingido por um longo processo de conflitos que mudou algo do seu sistema social, de muito contato interétnico, onde Roberto Cardoso de Oliveira diz que esses contatos são um processo natural e que muitas vezes fica difícil de entender a estrutura e a dinâmica das relações entre povos de etnia distinta, inseridos numa situação determinada: a situação de contato (1996 [1964]). No momento prefiro usar “fricção” tal termo usado por CARDOSO DE OLIVEIRA, em relações interétnicas. Que onde ele aponta como foco de análise as relações entre grupos tribais e sociedades nacionais. Os Kokama estiveram nesse processo, nunca deixamos de ser Kokama, só nos foi imposta uma crença de que nos identificarmos como Kokama não seria bom para nós. Em muitas situações até perderíamos a assistência de prefeituras como foi falado por uma liderança Kokama, que em uma reunião teve que mentir que a sua comunidade não era Kokama.

A questão principal de maior contribuição para uma “descaracterização” cultural Kokama foi à religiosa. Esse contato interferiu muito no modo de viver dos Kokama, nos nossos costumes e crenças, é verdade que muitos povos

também sofreram e vem sofrendo com isso, e para o povo Kokama não foi diferente. Isso causa uma espécie de camuflagem da identidade, sempre se escondendo, ou muitas vezes com medo.

Houve momentos e até famílias que trocaram seus sobrenomes para não ser confundidos ou considerados indígenas, assim, como também a “limpação de sangue”, que onde alguns indígenas preferiam se casar com um “branco” do que com um indígena para não ser o “Kokama do pé rachado”, termo utilizado para identificar os “verdadeiros Kokama”. A minha avó foi um exemplo dessa limpeza de sangue, não queria que nenhuma de suas filhas casasse com outro Kokama, que esperasse alguém de fora da comunidade, más como costume dizer, não vingou. E minha mãe acabou casando com um Kokama. De início não aceitou, mas como a minha mãe não tinha pai, e quem “mandava” na casa eram os irmãos mais homens mais velhos, meu pai foi pedir minha mãe do irmão da minha mãe mais velho, ela conta que nem ela mesma queria meu pai, mas foi se acostumando. E ate hoje vivem juntos. Portanto, mesmo que essas mudanças tenham ocorrido, os Kokama continuaram a resistir e manter suas identidades, mesmo que fossem escondidas. Proibir as nossas culturas era um dos métodos que os missionários utilizavam para acabar com a cultura do povo. Diziam que alguns rituais não eram do Deus deles e que era pecado, e também atacaram a língua. Por esse motivo se criou uma imagem distorcida dos Kokama e lhes foi negada sua existência como povo indígena. Por exemplo: “los Cocama y Cocamilla del alto Amazonas han sobrevivido biologicamente; pero, han perdido en gran parte su idioma y mucho de su organización social en los siglos XVII y XVIII. Se volvieron los **nativos invisibles**” (STOCKS, 1981 apud TOURNON, 2002), porque todos os que falavam eram obrigados a não falar e principalmente a não ensinar aos seus filhos, pois diziam que isso era língua do “demônio”. Na literatura antropológica muito já foi dito e discutido sobre identidade Kokama. Principalmente no Peru, mas como sendo considerado como um povo que já estava em uma “transição” para se tornar o oposto que sempre foram sempre negando a sua verdadeira identidade.

Chandra Viegas fala sobre a escravização dos indígenas pelos portugueses e espanhóis e na dizimação do povo. Isso causou dispersão dos

kokama pelos centros urbanos e outras comunidades pelo Ato Solimões. E disso ficaram que “sumidos” considerados como um povo “desaparecido”.

Outros, no entanto, resistiram, permanecendo camuflados nas comunidades, disfarçados de cabocos. Ninguém tinha interesse em ser identificado. Para continuar sendo índios, tinham que fingir que não eram. “*A gente tinha muito medo, não ensinava a língua para os filhos, para que não fossem reconhecidos como índios, pois seriam humilhados, castigados explorados*”, explica Francisco Samias, professor Kokama [...] (FREIRE, 2008).

Dada esta situação de —invisibilidade, a qual ocorreu também no Peru, Anthony Stocks publicou a obra *Los Nativos Invisibles: Notas sobre la Historia y Realidad Actual de los Cocamilla del Rio Huallaga* que trata da atuação das missões entre os — cocama e cocamilla, e dentre outros temas, da onomástica entre os indígenas residentes do Peru, em que os cocama e os cocamilla usavam sobrenomes não indígenas para não serem identificados como indígenas, pois assim sofreriam preconceitos.

Nos vales do Amazonas, Marañon e Ucayali, faz-se uma distinção entre apelidos humildes [“sobrenomes humildes”] e apellidos altos [“sobrenomes elevados”] ou apellidos de viracocha [“sobrenomes de branco”] (Stocks 1981:140-141; ver, também, Gow 1991 e Chibnik 1994). Como se dá em todo o mundo hispânico, as pessoas são identificadas por um prenome pessoal, pelo sobrenome do pai do pai e pelo sobrenome do pai da mãe. Assim, os homens transmitem seus sobrenomes paternos continuamente através das gerações, enquanto as mulheres transmitem os seus apenas por uma geração (GOW, 2003)

Para Chandra: “Segundo Gow (2003), a troca do sobrenome estava vinculada, naquela época, à busca por uma posição social mais elevada e sugere que ao disfarçar a sua identidade os indígenas buscavam sinalizar que tinham —a intenção de abandonar seus laços de parentesco. Em contrapartida, os

Kokama - Kokamillas do Peru, ao mesmo tempo em que sofriam repressão e por isso tinham que se —camuflar e, às vezes aderir a outros sobrenomes, vêm buscando desde a década de 1980, assim como os Kokama no Brasil, conexão com suas raízes e histórias, além de investirem em ações para a revitalização da língua e da cultura, como afirma Rosa Vallejos:

Desde o início de 1980, o Kokama - Kokamillas têm promovido esforços de revitalização da língua, incluindo reuniões anuais com o único propósito de falar sua língua de origem e desenvolver programas de rádio local produzidos em Kokama - Kokamilla. Estas duas atividades foram desenvolvidas com o apoio do Centro de Capacitación Campesina de la Amazonía (CENNCA), Igreja Católica Vicariato-Nauta, Loreto. Outra iniciativa que tem sido importante é a formação de professores do ensino fundamental bilíngüe para ensinar Kokama - Kokamilla como uma segunda língua. Esta iniciativa surgiu dos próprios membros da comunidade organizados no âmbito da associação indígena AIDSESEP nacional (VALLEJOS, 2010, p. 33).

GOW (2003 p.58) alerta que “a razão pela qual os antropólogos sociais evitaram o estudo dos povos “aculturados” da Amazônia é, indubitavelmente, na ordem metodológica. Os antropólogos sociais estão voltados para a busca, a descrição e a análise de sistemas coerentes em relações sociais, e provavelmente mantiveram-se distantes de fenômenos como o “ex cocama” por receio de que seu estudo não fosse capaz de extrair tal coerência ou, no mínimo, de que a complexidade do sistema coerente encontrado desafiaria as estratégias analíticas disponíveis”. Gow continua “Stocks não fala em “ex-Cocama”, mas a utilidade deste termo pode ser apreciada em face da incoerência desta sentença: “Os Cocama, nas áreas mais urbanizadas como Pucallpa, Iquitos e Requena, não se consideram mais indígenas em nenhum sentido, e tratá-los de Cocama ou a eles assim se referir seria um insulto”. Não seria talvez esta própria frase, com sua afirmação seguida de uma negação, um

insulto a muitos dos habitantes de Pucallpa, Iquitos e Requena? E o que poderia significar, afinal, deixar de considerar-se indígena?"

Gow cita também que Agüero, autor de um estudo a respeito do envolvimento dos Cocamana Hermandad de la Cruz, um movimento milenarista fundado pelo brasileiro Francisco da Cruz, escreve: "Os Tupi-Cocama, por medo ou vergonha, não mais se consideram indígenas, mas sim 'peruanos'. Existe, sem dúvida, devido à sua experiência histórica de contato com os brancos/mestiços, considerada adversa e negativa, uma espécie de encobrimento de sua própria identidade. Por causa disso, tentaram acomodarse ao modo de vida daqueles que chamam 'os peruanos'" (AGÜERO 1994:70).

Porém, desde os anos 1980, a identidade Kokama vem sendo cada vez mais valorizada no contexto de suas lutas políticas – que incluem outros povos indígenas do alto Solimões – por terras e acesso a programas diferenciados de saúde, educação e alternativas econômicas. Apesar de toda a pressão sofrida, os Kokama resistiram e vem resistindo para que suas tradições possam permanecer até hoje. Mesmo que a língua foi muitas vezes escondida, não foi perdida, e continua sendo falada por alguns anciãos.

Capítulo 2- A Comunidade de Sapotal e a luta pela terra e a visibilidade

A comunidade de Sapotal tem uma população de 461 pessoas, segundo o senso da comunidade, feito anualmente amparado pelo Sistema de Informação de Atenção a Saúde Indígena da Secretaria de Saúde Indígena SIASI/SESAI, que pode ser considerado o dado mais recente. Atualmente, o pessoal desta comunidade vive da agricultura, da produção de farinha de mandioca

principalmente e de bananas de vários tipos, e da subsistência da caça de animais, pesca varias espécies e artesanatos. Algumas pessoas recebem benefícios sociais (ex. bolsa família) do governo federal via prefeitura e Estado.

A comunidade foi fundada em 1879, e hoje ela tem 139 anos de existência. Os seus primeiros fundadores pertenciam às famílias Rodrigues, Curico e Samias. Até o ano de 1970 existiam mais de cem famílias na comunidade. Estas famílias vieram descendo o rio Solimões num “balseiro” a procura de um lugar bom para viver e plantar. A comunidade fica na margem esquerda do Rio Solimões, e fica a 50 quilômetros do município de Tabatinga. Hoje, dependendo da velocidade do motor, demora para chegar a Sapotal uma media de três horas descendo o rio. Junto, os primeiros fundadores trouxeram uma fruta que significa muito para o povo desta comunidade em específico, a fruta era a Sapota ou *Atere*, em Kokama. Chegando, começaram a plantar e como não tinha um nome para a comunidade escolheram chamar de Sapotal.

De acordo com (CABRAL, 1995), “Os Kokama localizados em vários pontos do rio Solimões são, em sua maioria, oriundos da região de Loreto, no Peru. São esses Kokama descendentes de famílias que deixaram o *Marañon* e se estabeleceram no Solimões entre o final do século XIX e o início do século XX. Os Kokama fundadores de Sapotal, comunidade em Tabatinga-AM, por exemplo, pertencem a algumas dessas famílias que vieram do Peru para trabalharmos seringais que correspondem, hoje, às aldeias/comunidades Tikuna de Ourique e de Feijoal. A história dessas famílias foi registrada por Ana Suelly A. C. Cabral entre 1988 e 1996, junto aos Kokama bilíngües em Espanhol e Kokama que encabeçaram movimentos migratórios para essa região. Um dos patriarcas Kokama que vieram para o Brasil, Sr. Benjamin Samias, falecido em 1991 com aproximadamente 90 anos de idade, foi um dos Kokama cujos filhos falaram a língua Kokama como primeira língua até a idade aproximada de 12 anos. Este senhor teve filhos com duas mulheres, mas só os filhos de sua primeira esposa, que era natural do Peru e aqui chegara com ele, falavam a língua Kokama. Um de seus filhos foi o fundador da comunidade de Sapotal, Sr. Antônio Januário Samias, o Kokama que mais se preocupava com a morte de sua língua, já em processo de obsolescência no final do século passado”.(VIEGAS, 2016).

A autora ainda afirma que na década de 1980 havia pelo menos 20 indígenas e ainda tinham “proeficiência” na língua Kokama, mas muitos não queriam mais falar por influência do que escutavam das igrejas. “Atualmente são encontrados no Brasil descendentes de aproximadamente 20(vinte) famílias Kokama, dentre as quais, as famílias Aiambo, Pacaio, Samias, Tibão, Tananta, Kuriki, Panduro, Maniama, Sandoval, Ramires, Peres, Arcanjo, Lopes, as quais, possivelmente, chegaram ao Brasil na mesma época para trabalhar nos seringais do Solimões (CABRAL; VIEGAS, 2009).”

Como venho de uma comunidade, me foi ensinada a história da formação da minha comunidade e do meu povo. Na escola, nas matérias de história, sempre a história local era necessária, pois o meu professor era também o cacique e nossa liderança. Foi quando ele contava a história de quando Sapotal foi fundada. Por volta de 1970, teve um grupo de Sapotal formado por sete pessoas que foram estudar em Feijoal, na comunidade Tikuna, pois em Sapotal ainda não havia escola. Eles foram em busca de outras formas de conhecimentos para ajudar o povo. Eram Francisco Guerra Samias, Anselmo Rodrigues Samias, Claudionor Jumbato, Guilherme Samias, Arlete Rodrigues Samias, Iraci Rodrigues e Adelaide. Francisco foi uma grande liderança do Povo Kokama a nível nacional, também foi cacique de Sapotal e professor. Eles iam remando para Feijoal todas as manhãs, e diziam que o mais difícil era “subir” para Feijoal, pois o rio Solimões desce em direção a Manaus; na volta era mais fácil, pois era somente atravessar o rio, quando chegavam na margem, paravam de remar e deixam a canoa “descer” com a correnteza do rio. O problema era quando chovia e caíam os temporais, conta Anselmo Rodrigues Samias, que hoje ainda é professor na Comunidade de Sapotal. Quando eles viram que já sabiam um pouco, e a pedido da comunidade, em 1974, Francisco Guerra Samias já estava dando aula para a comunidade.



Foto 1: de Isabel Rodrigues Samias mãe de Anselmo, uma das ultimas idosas de Sapotal

Em 1972 chegou uma irmã missionária de origem italiana chamada de Irmã Felicidade, que morava na comunidade Tikuna de Feijoal. A idéia dela era evangelizar a população indígena das redondezas de Feijoal, que eram as comunidades de Cidade Nova, Prosperidade, Vista Alegre, Sapotal, Ourique, Jutimã e Canaã. Nessa época, havia na comunidade mais de 600 pessoas. E neste momento a Irmã Felicidade passou a pregar que os Kokama não eram mais indígenas porque usavam roupas, sabiam ler e escrever e ainda possuíam parentes em outras cidades, como Manaus e Benjamin Constant. E passou a dizer que éramos ribeirinhos e não indígenas. E também dizia que a língua que falávamos era do demônio, bem como a tradição e os costumes.

Como isso, mais de 80% das famílias foram induzidas a acreditar no que ela falava. Muitas pessoas acreditaram, dizendo que ser indígena era coisa do passado e aceitaram se passar por brancos. Foram embora da comunidade de Sapotal para as cidades vizinhas como Tabatinga, Benjamin Constant e até Manaus. Em Sapotal, poucas famílias ficaram resistindo e se identificando como um povo indígena, pois estavam contra essa idéia da irmã Felicidade. Eles continuaram se identificando como um povo indígena e permaneceram em Sapotal defendendo seu povo. De mais de 100 famílias que existiam, restaram apenas 15 famílias.

Francisco Guerra Samias, a nossa liderança, chamou a irmã Felicidade a levou para uma “casinha” de paxiuba (um tipo de construção na época com estacas) e na frente da casinha tinha um pé de laranjeira, e perguntou o que ela via lá fora. Então ela respondeu dizendo que era um pé de laranjeira. Nossa liderança lhe fez outra pergunta, dizendo qual fruta sairia desse pé de laranjeira, e ela respondeu, que seria um fruta de laranjeira, e foi aí que caiu a bola dela. Foi nesse momento quando ela se sentiu ameaçada, pois, as nossas lideranças lhe disseram que ela só estava para atrapalhar a luta do povo Kokama. E que não a queriam mais na comunidade. Ela foi embora e nunca mais voltou.

Diante dessas lutas, também tiveram alguns desentendimentos com os Tikuna de Feijoal e Ourique, esses desentendimentos, como foi exposto anteriormente, eram pelo fato deles se acharem os únicos indígenas na região do Alto Rio Solimões e queriam nos expulsar da nossa terra, para poderem demarcar o Eware I. O problema do Éware I era que ela foi demarcada como terra indígena Tikuna, ela foi contestada pelas lideranças Kokama para ser revista e colocar na demarcação como também terra Kokama. Trago aqui uma parte da carta enviada ao presidente Fernando Henrique Cardoso de Lideranças Kokama de Sapotal, Jutimã, Barreirinha, Bananal e Ilha do Capiáí.

“Nós Kokama viemos através desta escrita e oportunidade ao senhor presidente... para reivindicar o nosso direito. Por que a nossa área não foi demarcada como área indígena Kokama de Sapotal e não fomos considerados como índios. Mas provamos que somos índios. Porque até hoje vivemos a nossa cultura tradição e falamos a nossa língua materna”. (Proc. Nº 08620.1729/94).

Depois de varias conversas e reuniões, começamos a nos entender e alguns deram apoio à nossa luta pelo reconhecimento como povo indígena e pela demarcação da terra. Aqui estarei relatando um pouco sobre a demanda de demarcação de Sapotal como terra Indígena Kokama. Pesquisando na comunidade, quem fez o documento foram as lideranças Kokama que contestaram a demarcação do Éware I e quem levou para o conhecimento do Ministro foi a vereadora do município de Benjamin Constant, Maria da Candea.

De acordo com as notícias da época, pelo jornal o Solimões de março de 1998, onde os Kokama pediam a FHC que suas áreas fossem reconhecidas dentro da reserva Éware I. O Povo indígena Kokama em assembléia Geral realizada no mês de fevereiro na comunidade indígena Kokama de Barreirinha, no município de Tabatinga, decidiram dar total apoio a proposta apresentada pela coordenação de Apoio aos índios Kokama – COIAMA, que resolvesse a problemática da contestação do Éware I;

A proposta foi enviada ao presidente da republica Fernando Henrique Cardoso. A proposta foi assinada pelos caciques e coordenadores da COIAMA, Francisco Guerra Samias, Cristovão Macêdo Moçambique, Fidelis Moçambique Castro, Orlando Pucas, Jair Guerra Samias, Desidério Ramos e Bento Neves Gomes. Os caciques explicaram que “quando o povo indígena Kokama entrou com o pedido de contestação através do decreto 1775 criado dois dias após a publicação do decreto que criou as áreas indígenas Éware I e Éware II, que os Kokama não queriam de forma alguma que estas áreas fossem revistas, mas que o povo indígena Kokama tivesse seus direitos constitucionais respeitados de habitarem as terras onde o nosso povo tradicionalmente vive. E as lideranças ainda criticam no documento enviado ao presidente que a Fundação Nacional do Índio quando fez o levantamento de identificação do povo indígena Tikuna, os técnicos enviados não se sabe por que motivo, não se preocuparam em observar que junto aos Tikuna, existia uma outra etnia com uma língua diferente, com uma cultura diferente e que para qualquer antropólogo a primeira vista seriam identificados como indígenas.

Este povo indígena que habita por todo o Alto Rio Solimões é o povo indígena Kokama que continua sendo discriminado pelo seu governo através da Funai.

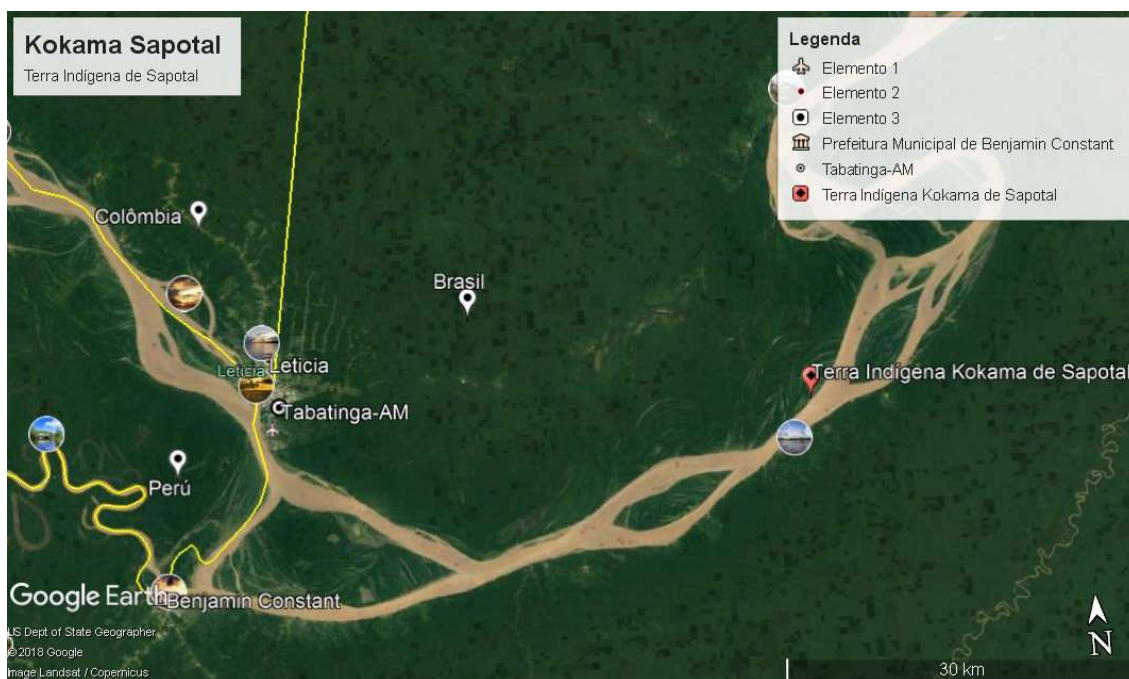


Foto 2: Adaptado do googleEarth (Localização da comunidade de Sapotal)

Kokama Contestam TI

Os índios Kokama contestaram junto à Funai (Fundação Nacional do Índio) a demarcação da Terra Indígena Eware I dos Ticuna. A contestação dos Kokama é a terceira ação movida contra áreas indígenas já demarcadas depois da publicação do decreto 1.775, do dia 8 de janeiro, que abriu a possibilidade de revisão dessas áreas. Na contestação, os Kokamas dizem que a demarcação da área Éware I, com 546 mil hectares, englobou terras ocupadas por eles e exigem a criação de uma área indígena exclusiva. O Éware I foi homologada no início do ano pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em favor dos 8.000 índios Tikunas que existem na área. Para o presidente da Funai, Márcio Santilli, a contestação dos Kokamas envolve uma "polêmica antropológica". Segundo Santilli, eles não se identificavam como índios e hoje são caboclos que vivem com moradores ribeirinhos do rio Solimões (AM). O secretário-executivo do CIMI

(Conselho Indigenista Missionário), Roberto Liegott, diz que há 30 anos os Kokama voltaram a se definir como índios, depois de terem perdido a identidade em contato com os seringueiros da região. A agente de pastoral Socorro Cardoso, da prelazia do Alto Solimões (AM), confirma que os Kokama vivem com ribeirinhos no povoado de Sapotal, a 50 km de Tabatinga, cidade fronteiriça à Colômbia - FSP, 20/02/1996 (Povos Indígenas no Brasil 1996/2000)

Comunidade quer área exclusiva

A coordenadora da comissão de apoio aos índios Kokama (COIAMA) Regina Silva, afirmou que o decreto 1.775 beneficia os grupos pouco conhecidos da Amazônia – “como o novo decreto, vários grupos indígenas devem pedir que sejam reconhecidas porque há uma falsa ideia de que na região só existe os Yanomami e os Ticuna” declarou. A COIAMA é a entidade que encaminhou a contestação a Funai em relação a demarcação da Terra Indígena Eware I. A entidade reivindica a criação de uma área exclusiva, com 4,8 mil hectares, menos de 1% da área Ticuna em questão. Na contestação, o coordenador geral da COIAMA, Francisco Guerra Samias, afirma que esse local é habitado pela comunidade indígena Kokama e não pelos índios Tikuna, como está no decreto de 5 de Janeiro, que homologa a demarcação do Eware I – FSP 22/02/1996 (Povos Indígenas no Brasil – 1996/2000)

COIAMA responde a Funai

Como sabemos, o nosso silenciamento partiu desde muito cedo, e não foi diferente eles nos negarem isso quando resolvemos reivindicar os nossos direitos, estávamos no momento de reavivamento da nossa identidade, deslegitimando o nosso movimento. Foi quando as nossas lideranças mandaram uma resposta à Funai:

“O presidente da Funai disse que somos caboclos; agora gostaria que ele respondesse essas perguntas: Por que a própria Funai fez questão de desconhecer os nossos costumes, tradições, e cultura e chegou até nos incentivar a passar como Ticuna para que o Eware I fosse demarcada apenas para os Ticuna? Como nós somos caboclos se a própria Funai em seu relatório sobre tribos indígenas no Amazonas nos relaciona como povo indígena? Se

somos caboclos, por que a Funai nos deu registro indígena que temos em mão? Por que a Funai só se preocupa em demarcar terra dos Ticuna quando existem outras tribos no Alto Solimões? O presidente da Funai não sabe de nada, nem conhece os problemas indígenas do Brasil, se ele quer realmente saber se somos índios ou caboclos, que venha a nossa aldeia em Sapotal e lhe mostraremos. Sabemos muito bem que os culpados disso tudo não são os Ticuna, más é a Funai. Se não tivermos resposta sou capaz de juntar todos os Kokama que existe no Alto Solimões e trazer aqui na Funai em Manaus para morar na própria Funai e com recursos financeiros das própria Funai e ai, senhor Marcos Santilli, provaremos se somos índios ou caboclos”. (Francisco Guerra Samias, cacique Kokama e coordenador geral da COIAMA) – FSP, 23/02/1996

E descarta conflito com os Ticuna

A COIAMA anunciou duas cartas ao Jornal A Critica descartando a ocorrência de conflitos com os índios Ticuna por causa de terras. As cartas informam que a criação da entidade depois de uma assembléia geral realizada em 21 de maio de 1995, que foi comunicada a Funai e tem como objetivo preservar a língua, costumes, tradições e a cultura deste povo. De acordo com a COIAMA os Kokama habitam a região de Sapotal há mais de um século e o decreto 1.775 é para eles o único instrumento legal para contestar o equivoco da Funai no caso da demarcação da Terra Indígena Eware I com a área reclamada pelos Kokama dentro. Assinada pelo coordenador da entidade, Francisco Guerra Samias e pela vice coordenadora, Regina Silva, as cartas afirmam que estranham as declarações que alegam desconhecer a COIAMA (A critica, 01/03/1996)

Ministro acata pedido

O ministro da justiça, Nelson Jobim, anunciou em 25 de março de 1997 o despacho nº 14, que trata da contestação apresentada pelos Kokama a demarcação da TI Eware I. Segundo o despacho, uma demarcação exclusiva para os Kokama poderá ser feita “desde que as áreas separadamente destinadas aos índios Kokama e os índios Ticuna não excedam area que já lhes

foi reconhecida, em conjunto pela portaria nº 00526, de 11 de outubro de 1991, publicado no DOU de 14 de outubro do mesmo ano. (DOU, 26/03/1997)

Identificação Terra Indígena dos Kokama

A FUNAI concluiu a identificação da TI Sapotal, em Tabatinga. O reconhecimento da área, com 1.265 hectares, atende a reivindicação da comunidade Kokama, por intermédio da COIAMA – Coordenação de Apoio aos Índios Kokama. O nome Sapotal, de acordo com os Kokama, foi uma referência dada ao lugar pelos que passavam pelo Rio Solimões e avistavam as grandes árvores de Sapota, cujas primeiras mudas foram trazidas do Peru. Os índios beneficiados somam, hoje, aproximadamente 380 indivíduos, que habitam aquele município, na fronteira com o Peru. A população Kokama, no Brasil soma hoje cerca de 3.466 índios. Desses, poucos ainda falam a língua. Tal como no Brasil, apenas 2,5 dos 19 mil índios dessa etnia, que vivem no Peru, ainda conservam o idioma materno, da família lingüística Tupi-Guarani. Embora pratiquem, também, a caça e a coleta com atividades produtivas, os Kokama são essencialmente pescadores e agricultores e é da pesca que vem a principal fonte protéica dos índios de Sapotal. A atividade extrativista está voltada basicamente para o suprimento de alimentos, para a construção de aparatos culturais de uso rotineiro como casas, canoas, remos, cestos, moveis e como recurso medicinal. (Site da FUNAI, 06/04/05) Retirado do Livro “Povos Indígenas no Brasil – 2001/2005 (Instituto Socioambiental).

Na década de 1990, os Kokama criaram uma Organização chamada COIAMA – Coordenação de Apoio ao índio Kokama. Fundada por Francisco Guerra Samias com a ajuda de Cajueiro que era empregado de um político Amazonense. A função de Cajueiro era procurar comunidades indígenas que precisassem de apoios. Francisco Viajou até Manaus e através de conversas, vislumbraram vantagens para o povo Kokama, e com isso foi fundada a COIAMA. Através de uma assembléia a comunidade aceitou a organização que eram representada por Francisco Guerra Samias, Cristovão Macedo Moçambique, Eladio Rodrigues Curico, Elivaldo da Silva Souza e Jacob Castilho Curico. Nos três primeiros anos foi feito trabalhos muitos vantajosos para o povo, começaram a luta para organizar o povo e tinham muitas liberdades para atuar no movimento

Kokama. Depois disso começaram a surgir divergências entre políticos e indígenas, e então Francisco, Cristovão e Eladio afastaram-se da COIAMA. O maior conflito, segundo Francisco Samias era a intenção dos políticos em escolher as lideranças das comunidades e acabaram criando desavenças internas na comunidade.

Após o afastamento, Francisco, Cristovão e Eladio não queriam interferir no trabalho dos parentes e acreditavam na melhoria de condições de vida para o seu povo. No entanto, a antiga COIAMA, sem esses três idealizadores que saíram da linha de frente, em seus trabalhos não viam resultados positivos e a comunidade de Sapotal foi piorando, na luta pelo fortalecimento da identidade Kokama. Essa situação fez com que se organizassem e a partir daí criaram a Organização Gera dos Caciques e Comunidades Indígenas do Povo Kokama (OGCCIPK), fundada em 11 de Fevereiro de 2001. A organização teve como objetivo o “resgate” da cultura Kokama e a demarcação de suas terras. Que também luta por um ideal, de ver seu povo cada vez mais unido e forte. E que representasse não somente a comunidade de Sapotal, mas sim todas as comunidades Kokama do Alto Rio Solimões (ARS).

Com essa nova Organização, uma nova forma de lutar por esse reconhecimento, as lideranças que estavam na frente desse processo, foram a procura de outras comunidades Kokama, onde tinham certeza que passaram assim como Sapotal, tinham medo de se auto identificar como indígenas pelo medo que lhes foi imposto. Sem nem um estudo feito, uma grande liderança Kokama, Cristovão Macedo Moçambique, que na época também foi presidente da Organização Geral dos Caciques e Comunidades Indígenas do Povo Kokama dizia que existiam de 15 a 18 mil Kokama no Brasil, curioso isso, por que pelos dados do SIASI da secretaria de Saúde Indígena, os números hoje quase que se assemelham. Pois ele sabia do que estava falando, e que muitas comunidades só puderam ter essa força para o reavivamento da cultura e identidade Kokama, a partir dessas reuniões que essas lideranças faziam em várias comunidades dos municípios do Alto Solimões.



Foto 3: Lideranças Kokama com os apoiadores da COIAMA

Foram muitas as opressões que nós Kokama sofremos, acarretando varias percas, principalmente quando se trata da língua materna, por falta de uma política de valorização cultural, na comunidade Sapotal, assim como em outras comunidades sobre as mudanças culturais que ocorreram e que ocorrem, e o caso da prática dos rituais que se fazem presente na memória dos moradores da comunidade, e que interferem no processo de reconstrução das historias da comunidade que tende a desaparecer para as futuras gerações. As lideranças Kokama foram essenciais nesse processo, sempre levantando a bandeira de que não era mais para ter medo da nossa origem e nos afirmar como indígenas Kokama.



Foto 4: Placa da OGCCIPC na comemoração de um ano da Organização

Como afirmo anteriormente, as lideranças Kokama tiveram e tem um papel importante nessa reconstrução da identidade Kokama, mas que já havia chegado a nós costume que já estaríamos impregnados na nossa comunidade, assim como a igreja e escola. Nisso surgiram outras preocupações que nos levaram a pensar como poderemos nos aprofundar essa discussão da perda das nossas histórias, das poucas pessoas que ainda falavam a língua Kokama, porque a cada ano que se passa, os anciãos da comunidade falecem e junto com eles esses conhecimentos também morrem. Por isso é importante que as nossas histórias sejam escritas, não abandonando as nossas práticas de passar o conhecimento pelos contos e conversas, mas uma forma de fortalecer e expandir esses conhecimentos.

Para tentar registrar esses conhecimentos e não deixar desaparecer, pois são muito importantes, para se ter um histórico da comunidade, para tentar organizar o futuro. E consideramos que essa pesquisa vai contribuir para modificar as instituições como a escola, a igreja, e para a reflexão e contribuíram da comunidade. Quais foram os malefícios que trouxeram de forma coletiva.



Foto 5: Mães Kokama ensinando suas filhas e filhos a fazerem colares

Para se ter essa percepção na sociedade que temos hoje é preciso ter acesso aos conhecimentos de pessoas que estão em constante busca de informação. Para os povos indígenas, ao contrário, o conhecimento está pela experiência de vida onde os idosos é quem tem esses conhecimentos. Para os Kokama e igual que, por exemplo, para os Wapichana. Segundo (FARAGE, 1997). “Para os Wapichana o acesso ao conhecimento, a sabedoria, encontra-se sobretudo associado ao tempo, a idade: os mais velhos são os que necessariamente acumularam o conhecimento pela experiência.”

Essa definição pode ser aproveitada para pensar o ato do narrador, que é o caso dos anciões da comunidade que vão repassando os seus conhecimentos através da oralidade, construindo as camadas das narrativas que se formam a partir do modo como ele conta, com seus gestos, nuances de voz e ritmos. Como disse, os anciões estão morrendo e surgindo uma outras gerações, e com o tempo não se saberá mais a nossa história, por isso é importante sim ter esses conhecimentos através da oralidade, mas também faz-se necessário escrever e isso fica para a nossa geração, usar as outras ferramentas que nos foram impostas ao nosso favor. Tomar exemplo de outros povos indígenas que

escrevem seus contos, grava em filmes e isso só nos ajuda para o fortalecimento do Povo.

Dessa forma, esses conflitos sociais atingiram a cultura indígena, fazendo com que muitos não - indígenas destruíssem a organização social das comunidades, que tem na sua origem no processo de colonização, cuja história é marcada por transformações e mudanças significativas da cultura ocorrida com muitos grupos étnicos. Mas nem todos assim consideram, como cita Lévi-Strauss:

Um povo primitivo não é um povo atrasado ou retardado; pode, em determinados campos, exibir uma inventividade e uma capacidade de realização que deixam para trás os feitos dos civilizados. (LEVI – STRAUSS 1958, p.114.)

Então o ser indígena e ser pessoa com culturas diferentes, e não ser o que os outros querem que sejamos. Por isso a nossa preocupação está por uma política cultural dessa comunidade através da preservação desse patrimônio simbólico (o Ritual) e refletir sobre as possibilidades de uma nova estratégia para esse fortalecimento.



Foto 6: Margem do rio Solimões na comunidade de Sapotal



Foto 7: Mãe e filha lavando roupa e vasilha na frente de sua casa na margem do rio Solimões.



Foto 8: Capa do Jornal o Solimões em 1998 (imagem retirada da Internet)



Foto 9: Lideranças Kokama de Sapotal, Jutimã e Ilha do Capiáí em Manaus

Capítulo 3- O fortalecimento cultural: o ritual de iniciação masculina e a língua

O movimento Kokama tomou grandes proporções no cenário regional e estadual, as lideranças tiveram um papel fundamental, e com isso veio a necessidade de fortalecer a identidade Kokama, e a língua seria mais viável e importante fazer uma reestruturação para que pudesse ser ensinada para os mais novos, e conseqüentemente nas escolas. Assim como também viu-se a necessidade de trazer de volta os mitos, que inicialmente foram contadas em rodas na casa de algumas lideranças, ao redor de uma lamparina com querosene. E disso também surgiram alguns rituais de passagem e curas.

Esta pesquisa surgiu da preocupação em tentar “retomar” reavivar, tanto o ritual da passagem da criança para a vida adulta, mas também no fortalecimento da língua materna que é falado somente pelos mais idosos de algumas comunidades Kokama. Nisso entramos num outro processo de inserção da língua materna, como disciplina nas escolas.

E também trago a importância desse ritual da passagem da criança do sexo masculino para a vida adulta no contexto contemporâneo em umas das perspectivas de valorização da identidade Kokama. Sabendo que mesmo com os contatos “a cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários processos (CUNHA, 1986).

O processo deste ritual fazia-se como um tipo de reciprocidade na troca de ensinamentos de anciões para as crianças com a idade média de 5 (cinco) anos. Quando os meninos nasciam nas aldeias, os pais eram aconselhados a não cortar o cabelo desta criança, pois só iria ser cortado quando completasse seus cinco anos, idade em que o menino já estaria pronto pra ajudar os pais em fazer roça, na caça e, principalmente, na pesca. De forma semelhante a como afirma LuisCayón (2013) os passos desse processo da infância para a vida adulta nos Makuna, haverá *um aprimoramento do corpo* que implica muitas praticas diferentes, por exemplo os banhos diários. E neste ritual os mais velhos

faziam uma “cerimônia” na qual teriam que fazer tranças em todo o cabelo do menino, as quais seriam cortadas pela comunidade deixando duas tranças maiores ao centro da cabeça para serem cortadas pelos “padrinhos” desta criança, já escolhidos desde o nascimento da criança os padrinhos (umbilical), que eram aquele casal de homem e mulher que cortavam o cordão umbilical, esses ficavam como responsáveis junto com os pais de preparar o menino para a vida adulta, não tinha essa regra de o os padrinhos serem maternos ou paternos, mas o que era entendível é que era a mãe da criança que direcionava quem seria os padrinhos de seu filho. Os padrinhos também eram responsáveis pela escolha da esposa dessa criança quando ele estivesse pronto pra ter sua família. (História do ritual contada por anciões e lideranças em rodas de contação de história na comunidade de Sapotal)

O povo Kokama é reconhecido por suas comidas típicas, mas tem como — tradição permanente o ritual de passagem, comemorando batizados, aniversários, — a passagem dos meninos para fase adulta e — dia dos mortos. Não se tem notícia de como passaram a ser instituídos tais rituais, mas estão na memória e são praticados em Manaus. Há uma recriação da vida cotidiana da aldeia, que parece apagar a força empiricamente distintiva de campo *versus* cidade ou de urbano *versus* rural (RUBIM, 2011, p.33).

Neste ritual eram oferecidas bebidas típicas do povo e da região amazônica, isso porque outros povos tinham e tem bebidas típicas. A chicha, caiçuma, pajuaru e pororoca eram as que não podiam faltar a sua semelhança é que todas precisam ser fermentadas, e suas diferenças são que a chicha é feita do “caldo” do milho moído, muitas vezes daquela sobra que se faz a pamonha. A caiçuma é feita da macaxeira, da macaxeira roxa ou da macaxeira pão, e também do fruta pão, sendo a macaxeira cozida, depois de um logo tempo, quando estiver mole, esperar um tempo para que se esfrie e depois machucar com um cacete, ou mastigar, onde isso ficaria nas “mãos” das anciãs da comunidade. E a pororoca é igual um mingau de banana, porem, ela tem que ser fermentada e ser de banana bem madura. Estas bebidas eram oferecidas aos participantes do ritual. Havia também um importante participante no

processo do ritual, o cantador, que junto com o tocador de flauta fazia com que em todo esse tempo do ritual estivesse fazendo seus cantos para que os espíritos de seus antepassados estivessem presentes, através das bebidas e cantos, ou mesmo estando ali dando forças a mais um guerreiro Kokama e celebrando junto.

O ritual é importante porque fortalece a passagem do conhecimento indígena ou “educação indígena” dos povos da comunidade Sapotal, através de uma política de valorização, de manutenção e fortalecimento culturais que tendem a desaparecer. As histórias culturais que estão presentes no contexto, tem que ser mantidas. Por isso buscamos compreender como aconteceu todo o processo histórico dessa comunidade com ajuda dos anciãos da comunidade, para saber como definem os processos desse ritual que faz parte do conhecimento tradicional ou milenar desse povo.

Em muitos momentos nos questionamos o porquê dessa cultura que é o ritual algumas se manterem, se recriarem e outras desaparecerem. Qual é a função desse ritual na comunidade indígena? Como fica a situação dos narradores diante da presença da televisão, igreja, escola e outras instituições nas comunidades? Pelos estudos teóricos sobre narrativas como patrimônio imaterial e a sua função de memória da Comunidade Sapotal, percebe-se que a conscientização da comunidade, no sentido de reconhecer e fortificar sua cultura como patrimônio, é fundamental, para o nosso povo ter os seus conhecimentos escritos e reconhecidos, porque é uma forma de registro escrito onde os nossos filhos poderão um dia ter acesso a esses documentos. Processo que vem sendo desenvolvido a partir dessa pesquisa que nós os próprios indígenas estamos escrevendo.

Portanto a pesquisa tornou-se importante para a comunidade de Sapotal, porque deu e ainda permitirá dar subsídio para uma reflexão sobre a nossa cultura, identidade, línguas, auxiliando na organização deste povo que vem sofrendo com essa política de opressão que, à força, vem se impondo para tentar acompanhar uma cultura não indígena, e assim desvalorizando a sua terra, o seu lugar, a sua paisagem, o povo em busca de acompanhar esse ritmo que julgam ser desenvolvimento.

Em entrevista feita ao senhor Eladio Curico, uma das lideranças que continuam desde o começo do movimento Kokama, relatou, que o principal ritual não foi mais feito devido a chegada dos missionários cristãos. Diz Eládio: “ não fizemos mais. Uns catequistas chegaram aqui na comunidade de Sapotal, dizendo que nós não era mais Kokama (indígena) porque estávamos com roupa, e ser índio era coisa do passado. Ela acabou com nossa comunidade”. E continuou dizendo “meu cabelo ainda foi cortado, hoje não lembro quem é meu padrinho, mas me lembro bem dessa “festa”, e quando “essa” catequista chegou e colocou essa idéia de que nós não éramos mais índio, a nossa comunidade se desestruturou, com pessoas saindo da nossa comunidade para morar em outras comunidades e principalmente na cidade”. “Quando minha avó estava falando a língua com outra pessoa, e quando nós chegávamos ela parava de falar, porque ela dizia que nos não deveríamos aprender por quê iríamos sofrer muito. Como seus irmãos haviam sofrido”. Pois diziam que alguns rituais não eram do Deus deles e que era pecado, assim como falar a língua. Todos que falavam eram obrigados a não falar e principalmente a não ensinar aos filhos, pois diziam que isso era língua do “demônio”.

Nas fala de Francisco Guerra Samias, um dos principais líderes do povo Kokama na cerimônia do ritual da passagem do menino, em 26 de setembro de 2006, e de Eladio Rodrigues Curico, uma liderança do Povo Kokama, vemos alguns aspectos importantes:

Francisco Samias: Isso já vem à milenar [a cerimônia do ritual de passagem do menino] há muitos tempos, onde os não-índios e de repente os nossos parentes indígenas por aí a fora ficam discriminando que Kokama não é índio. Mas Kokama é índio verdadeiro sim, por que Kokama tem sua tradição.

Eladio Curico: Há séculos de anos que nós, Kokama, o contato que, fomos o primeiro contato com o branco, foi em 1568, pra hoje nós estarmos aqui onde estamos, foi muito difícil de nos preservar a nossa língua materna e nossa cultura. Hoje graças a Deus, com a luta das lideranças, nós, Kokama, estamos vivos aqui no nosso país. Aonde Kokama se encontra na Colômbia, no Peru e no Brasil.

Francisco Samias: Nós vamos começar essa festa que é o corte de cabelo, todos são convidados pra cortar o cabelo dessa criança de acordo com a trança que está trançada, o da coroa quem vai cortar é o padrinho verdadeiro (aquele padrinho umbilical), quanto às outras tranças só vai ser testemunhas/ essa cerimônia não foi inventada no meio de viagem, ela tem uma historia longa a contar, se a gente contar tudo, nos vamos passar o resto da manha ou o resto do dia.



Foto 10: Ritual do corte de Cabelo da passagem pra vida adulta

São duas tranças que ficam ao centro da cabeça do menino, um para o padrinho cortar, e outro para a madrinha. Isso lhe faz lembrar-se da forma simbólica que ele também tem o papel de pai, que é o de ensinar o caminho que deve seguir. Onde também tem a haver com o cuidado do corpo cabendo os pais e rezadores da comunidade.



Foto 11: O padrinho cortando o cabelo, a trança mais grossa do centro da cabeça

Depois do ritual a criança é levada para a casa dos pais, onde estará sendo acompanhado por seus pais e seus padrinhos. A maturidade não chega de repente, são os processos que ali começam, o seu aprendizado depende desses cuidados dos pais e padrinhos, sendo necessária uma atenção maior. É preciso aprender e entender que são as etapas desse processo que o vai lhe confirmar como um adulto preparado para cuidar de uma família e a sua vida.



Foto 12: Os pais do menino que está prestes a fazer o ritual, a sua mãe é do povo Tikuna.

Com relação à língua, Chandra Viegas(2014 p. 170) afirma: “A língua Kokama falada no Brasil, desde a primeira metade do século XX, passou a não ser mais transmitida para as novas gerações e a partir de 1980 teve acelerado o processo de obsolescência, ou seja, processo no qual uma língua deixa de ser usada como meio de comunicação e caminha para a extinção. Atualmente, os falantes da língua Kokama no Brasil estão bastante idosos e, na maioria das vezes, não transmitem mais a língua para seus filhos e netos. Entretanto, vários Kokama tentam presentemente, reverter essa situação. Tem sido confirmada a importância do intercâmbio dos professores e articuladores Kokama nas comunidades e nas universidades, para assim fortalecer a língua e a cultura”.

A língua Kokama se manteve na lembrança de alguns descendentes Kokama, como foi o caso dos filhos do Sr. Benjamin. Note-se que este Senhor nunca aprendeu a falar Português, mesmo depois de viver por mais de cinquenta anos no Brasil, e seu espanhol era bastante rudimentar. Falava um pouco de Quéchuá, mas era fluente mesmo na sua língua Kokama. Os seus filhos contam

que dos 12 anos em diante só falavam Kokama em família e que foram paulatinamente substituindo a língua nativa pelo Português regional dos ribeirinhos do Solimões (CABRAL; VIEGAS, 2009).

“Nos registros da lingüista Cabral (dados em áudio, 1988-1996) há relatos que demonstram essa busca pelo fortalecimento lingüístico/cultural Kokama. Como, por exemplo, o relato do Sr. Antônio Samias, que descreve a sua ida nos lugares em que estavam os Kokama para falar sobre a importância de se formar comunidades Kokama com o intuito de as pessoas terem ideais comuns e poderem ajudar uns aos outros, o que incluía o reconhecimento de “ser Kokama”.

De acordo com Chandra Viegas (2014 p.173)“A língua Kokama foi ensinada também no **Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões**, realizado em Filadélfia, Benjamin Constant-AM, durante os anos de 2006 a 2011, os estudantes, que também eram professores em suas comunidades foram incentivados a realizar pesquisas com os anciãos sobre a língua Kokama e registrar histórias, conhecimentos e representações culturais, por meio de recursos audiovisuais. O resultado disso foram diversas pesquisas escritas e gravadas em áudio, um CD de Músicas Tradicionais (2006), uma série de DVDs audiovisuais **Material de apoio para professores Kokama**, num total, até agora de 3 Volumes (2009, 2010, 2011). Posteriormente, mesmo depois de formados, os professores-pesquisadores continuam a realizar as gravações em vídeo e a realizar as pesquisas”.

Na comunidade de Sapotal teve algumas etapas de cursos com anciões da comunidade e de outras comunidades Kokama da região do Alto Rio Solimões, de uma forma política conseguindo chamar alguns lingüistas que faziam pesquisa com a língua Kokama, um deles foi o professor Ronaldo McDonald, com apoio do CEMA, que é um centro dos irmãos maristas no município de Tabatinga, a idéia principal era ensinar os jovens a língua Kokama, pois já estávamos perdendo os anciões que eram fluentes na língua. Uma das anciãs que estavam presentes em algumas etapas era a senhora Maria Samias e Angelina Samias, duas irmãs. Que hoje vivem na cidade de Tabatinga. Daí por diante, foi inserido na escola como grade curricular, língua e cultura Kokama, até o momento.

O uso da língua Kokama vem sendo uma das principais formas de reafirmação étnica dos Kokama. A confirmação do conhecimento de sua língua foi um dos fatores que justificou a demarcação da Terra Indígena Sapotal. Em relatório feito por Ana Suelly A. C. Cabral em 1996, foi atribuído aos Kokama serem conhecedores da sua língua nativa. [...] Para Almeida e Rubim (2012, p.78)—aprender a falar ou ensinar a língua indígena é mais do que afirmar a identidade étnica, é estar politicamente demarcando um espaço social ou reconquistando tal espaço no âmbito do direito, diante da sociedade. [...] Nos últimos anos os Kokama sofreram muitos preconceitos, de forma contraditória, por não falarem mais a sua língua, como se isso tivesse sido algo voluntário, tanto por parte dos Tikuna como pelos não indígenas. Como visto anteriormente a estratégia do —silêncioll foi justamente a única forma encontrada para sobreviverem. Mas o uso da língua Kokama em suas diversas formas (oral, textos, áudios, vídeos, etc) tem mostrado como a língua tem sido, para os Kokama uma das referências de identidade étnica e de reconquista. VIEGAS (2014, p. 178).

A partir desses momentos de trocas de saberes a língua Kokama entra no processo de fortalecimento, os kokama vêem a necessidade de se aprender mais rápido possível a língua materna. Depois dessas várias etapas de cursos com lingüistas e professores assim como também os anciões, a língua Kokama tomou proporções e se expandiu como disciplina em algumas escolas, como já mencionei anteriormente.

Eu comecei a estudar a língua Kokama na minha 4ª série do ensino fundamental, mas fiz também os cursos anteriormente e participava das reuniões que tratava do fortalecimento da língua Kokama. Com uma formação meio precária, alguns que aprendiam a língua mais rápido iam ensinar os que tinham

mais dificuldades em aprender. O problema enfrentado também foi a adequação dessa nova disciplina nas Escolas, por parte da prefeitura que não podia contratar um professor por não ter sua devida formação para ensinar a língua. Então com a luta das lideranças que estavam na frente, conseguiram depois de um bom tempo conversar com os responsáveis da prefeitura e firmaram um acordo que era contratar pessoas que terminassem pelo menos o ensino médio, que até no momento em Sapotal não tinha, e a escola mais próxima que tinha o ensino médio era Feijoal.

Considerações Finais

Com todo esse processo de invisibilização, imposição para que deixássemos de ser quem realmente quem somos, a igreja mostrando seu papel a que realmente veio, assim como também a falsa idéia de miscigenação, do

que nos foi posto que uma nova raça nasceria, apagando, matando, e violentando a outros povos que aqui existiam, existem e vão existir. Nós Kokamasofrimos muito, deixamos de falar a nossa língua, mas que não foi perdida totalmente. E hoje com muito esforço podemos dizer que ela está viva, que não vamos deixar de lutar por uma causa que nos roubada.

O povo Kokama é um dos povos que estão em contato com o não indígena à séculos, e hoje é possível mostrar que resistimos. A fronteira chegou ao povo Kokama, de certa forma separando o povo, e nisso pode-se pensar e refletir naqueles termos já usados por alguns autores, do indígena no Brasil e do indígena do Brasil.

Ainda hoje tem Kokama que tem parentes de sangue na Colômbia e no Peru, muitas vezes visto como natural, por viver tão próximos da fronteira, mas em outros momentos tido e visto com discriminação e preconceito. Como coloca Vieira (2016) na sua tese de doutorado quando analisa os Kokama do Javari no município de Atalaia do Norte:

Atualmente presenciamos por meio desta pesquisa, um flagrante desrespeito aos Kokama, por parte do Estado nacional brasileiro. Nos municípios brasileiros de fronteira, tais como Benjamin Constant, Atalaia do Norte e Tabatinga, localizados no Estado do Amazonas, tidos como “índios peruanos”, “Kokama peruanos” ou simplesmente “peruanos” na cosmologia local, os kokama que transitam através das fronteiras, sobretudo no sentido Peru/Brasil, são tratados como invasores “estrangeiros”, por setores das esferas públicas nacional, estadual e municipal; pela população local não indígena, bem como por indígenas dos demais povos que compõem o contexto interétnico do alto Solimões/vale do Javari e, no nível intra-étnico, por pessoas do seu próprio povo, pertencentes a outras comunidades e/ou associações Kokama. Muitos desses atores sociais e instituições afirmam que no vale do Javari e no alto Solimões não existem Kokama, mas sim peruanos

oportunistas que querem se passar por índios para usufruir de supostas regalias usufruídas pelos demais povos indígenas que habitam o território nacional brasileiro. VIEIRA (2016, p.28).

Este estudo faz parte de um projeto maior que teve como objetivo em reavivar o ritual do povo Kokama e o interesse em valorizar sua identidade cultural, fazer com que este ritual seja feito frequentemente nas comunidades indígenas Kokama. Mas que está camuflado no medo, nas premissas impostas pelos missionários. Com o resgate e valorização da cultura este ritual e tradição não irá se perder, sempre se fortalecendo cada vez mais. E foi importante por que fez com que a nossa identidade fosse mais valorizada pelos próprios Kokama e principalmente pelos mais jovens, pois estes são que irão dar continuidade nas crenças tradições e costumes do nosso povo. Essas histórias do conto do ritual e mesmo o surgimento do Povo e da Comunidade mostrou o quanto importante o povo ter essa consciência da sua tradição, valorização da cultura e empoderamento nesse processo de ritualização para dar continuidade.

Foi percebido que no decorrer desta pesquisa, a desvalorização de sua identidade foi imposta de forma tão bruta que muitos Kokama até hoje vem negando sua raiz. Mas por outro lado temos um movimento se fortalecendo para que as nossas tradições e nisso insere-se também a língua materna. Tomando a fala de Francisco Samias, esse ritual não foi inventado, ele tem um propósito para nós Kokama, a sua essência está além do que podemos ver e perceber, nos torna pessoas que serão úteis para a nossa comunidade.

É necessário ser valorizado, dando importância e ser passado para as crianças e jovens, nas escolas principalmente que é responsável pela formação educacional destes jovens. Mas também no ambiente familiar, que estaremos exercendo o papel de estar passando para as novas gerações o que nos foi passado.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de; RUBIM, Altaci C. “Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas”. In: Revista Brasileira de Linguística Antropológica. seer.bce.unb.br/index.php/ling/article/download/8875/6676 (acessado em 27/06/2017)

Base datos de pueblos indígenas u originarios:

<http://bdpi.cultura.gob.pe/taxonomy/term/24>

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Índio e o Mundo dos Brancos. 4ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1996 [1964]. p. 33-54.

CAYON, Luis. Pienso, luego creo: La teoria makuna del mundo/Luis Cayón. – Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, (ICANH), 2013.

CUNHA, Manuela Carneiro da. (1986). Antropologia do Brasil: mito, historia, etnicidade/ Manuela Carneiro da Cunha. – São Paulo: Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo, 1986. 99p.

FARAGE, Nádia (1997). *As flores da fala: Práticas Retóricas entre os Wapishana*, São Paulo.

<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kokama>

LÉVI-STRAUSS Claude (2008). *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.

Malinowski, Bronislaw (1976). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril S.A Cultural e Industrial, [PP.21-38].

MINAYO, M.C. de S(2008). (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. Silva, E. L.; Menezes, E. M. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. Florianópolis: LED/UFSC, 2000. 118p.

MINISTERIO DE CULTURA DO

PERU <http://bdpi.cultura.gob.pe/sites/default/files/Kukama%20Kukamiria.pdf>

RIVAS, Roxani Ruiz. (2004). *Técnicas de Pesca entre los Cocama-Cocamillas de la Amazônia peruana*. Pontificia universidad católica del Perú. Fondo editorial, 2004.

RIVAS, Roxani Ruiz. el gran pescador: técnicas de pesca entre los cocama-cocamillas de la amazonia peruana. PUCP – Fondo Editorial. Lima, 2004. 174p.

RUBIM, Altaci Correa. Reordenamento Político e Cultural do Povo Kokama: A Reconquista da Língua e do Território além das Fronteiras entre o Brasil e o Peru. Brasília, 2016. 324 p.

VIEGAS, Chandra Wood. Línguas em Rede: Para o Fortalecimento da língua e da Cultura Kokama. Brasília, 2014. 467 p.

VIEIRA, José Maria Trajano, (1970) – A luta pelo reconhecimento étnico dos Kokama na tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru/José Maria Trajano Vieira – Campinas, SP: [s.n] 2016.